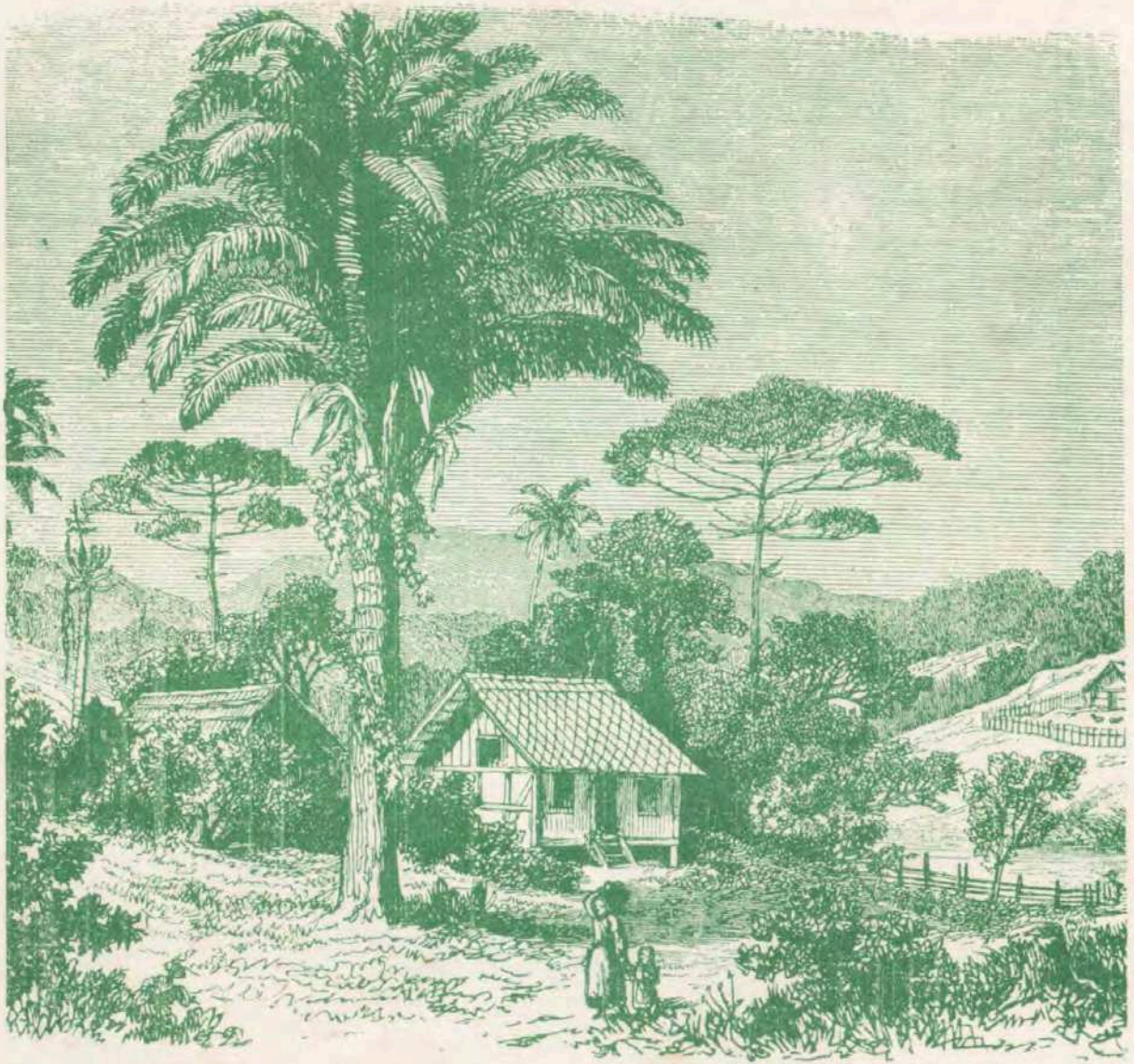


TAXA PAGA



# Blumenau em cadernos

TOMO XIII ★ FEVEREIRO DE 1972 ★ Nº. 2



CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

# Blumenau

## em Ladernos

TOMO XIII

Fevereiro de 1972

Nº. 2

### Procura-se um Alemão no Itajaí

Odylo Costa, filho

Não só, aliás, no Vale do Itajaí. Também mais para o Norte, em Joinville, procurei debalde um alemão daqueles de olho bem azul e que, embora nascido no Brasil, não falasse Português. Quando insistia muito, me diziam: «Ainda tem algum. Na colônia».

Talvez tivesse. Não fui à colônia.

Não vi.

Disseram-me, há tempos, que um prelado da minha terra falou que fomos à toa na guerra grande do mundo, a reboque dos Estados Unidos, eles lucraram, nós nada, só morte e dor. Confesso que não acreditei, o môço sacerdote é tão inteligente! Mesmo com raiva de americano, como é que ele não perceberia que, tirante a desgraça da Terra tôda, se a peste do nazi-fascimo (era a palavra justa daqueles tempos, de vez em quando a coisa reponta sob outros nomes) tivesse vencido,

os Estados Unidos sairiam sempre fortes da derrota, mas nós ficaríamos menores, de uma hora pra outra Hitler anexaria uma Alemanha antártica no Vale do Itajaí, para grande sofrimento da nossa gente de lá.

Mas o que aconteceu, se não foi assim êsse péssimo, também não foi um ótimo. Fomos caçar, passamos da caça que nem um cachorro que meu pai possuía, e era excelente a não ser êsse defeito: ia com sêde excessiva ao pote, corria mais que a perdiz, adeus nambu.

Perdoem Êste jeito irreverente de falar de coisa tão séria; mas a gente chega ao Vale do Itajaí, procura os rastros do alemão, se apagaram ou quase. Era isso que se queria? Se era, estava errado. Devíamos querer tôda, gente por lá bem brasileira, mas guardando suas tradições lindas, e, além disso, bilingüe sem esforço, falando ao mesmo tempo a



língua de Camões e a de Goethe, a língua de Rilke e a de Manuel Bandeira e me perdoem mas ando em maré de poesia, não cito outros nomes.

O clube onde atravessamos a meia noite de 31 de dezembro de 1971 sabem como se chama? Dos Tabajaras, sim senhor, dos tabajaras que se estendiam do São Francisco à Paraíba, e nem parentes eram da bugrada que de vez em quando botucudava a colônia fundada pelo Dr. Blumenau. A intenção nacionalista é evidente, mas não carecia gritar assim o brasilirismo. Bastava estar lá como estive, ver e ouvir o que vi e ouvi: nos primeiros minutos do Ano Nôvo aquêle abraço geral, todo o mundo se conhecia, era bonito, bonito, parecia um corpo só, não se distinguiam as pessoas naquele agarramento de desejar felicidades, a gente se cansando de beijar e ser beijada. Logo depois a nostalgia brasileira entrou violenta, ôôô Aurora, ô jardineira por que estás tão triste, mulata mulatina meu amor. O galo de noite cantou, o bonde S. Januário, o carnaval carioca invadiu a sala e tomou conta, onde estava a sensuchtt, a melancolia germânica? As meninas pulavam de hot pants, «meninas da saia curta»...

Aqui entre nós que não me ouçam no Maranhão: nunca pensei que Santa Catarina fôsse tão bela. Meu Deus! As duas baías cercandô a ilha e o Destêrro (recuso-me a dar à cidade com a Lagoa da Conceição — perfeita como um namôro de estudante — o nome do ditador a quem Moreira César telegrafou: «Romualdo, Caldeira, Freitas e outros, fuzilados, segundo vossas ordens»), a ilha, as ilhotas, os ratones. Can-

tavam-me na memória os versos de Luís Delfino: «Na Rua Augusta, em Santa Catarina, / a cama em em cima de uns caixões de pinho...» Em que rua nasceu Cruz e Souza? Mas depois foi o alumbramento do Itajaí, o rio correndo manso, no plano, ervas, águas e rosas, a mão do homem no campo... Razão tinha Antônio de Meneses, Vasconcelos de Drumond de festejar, mesmo no exílio, as formosuras do Itajaí. Isso em 1827. Imaginem se ressuscitasse para vêlas de nôvo, século e meio depois...

Volto ao princípio. Ainda há uma ou outra casa de enxamel em Blumenau, dois ou três restaurantes, botam o nome em português e alemão, e o admirável trabalhador intelectual que é o escritor José Ferreira da Silva vai publicando seus «Cadernos de Blumenau» e tentando salvar êsse ou aquêle resquício da história material. Talvez para ser obtida, a nacionalização não pudesse deixar de ter sido, como foi, aplastante, esmagadora, com seu travo de violência e injustiça, talvez pudesse. Isso hoje é o passado, outra história... Mas agora que o Vale todo é tão brasileiro que muitos já pensam até em brincar ali de boide-mamão (que é o nome do bumba-meu-boi na zona de origem açoriana de Santa Catarina), não havia mal em que alguns beneméritos reabrissem uma das antigas escolas alemãs, não as do tempo de Hitler, mas as do tempo do Dr. Blumenau e de Fritz Müller. Se o fizerem, me chamem para a inauguração. E tomaremos café com haus brot — pão de fôrma feito em casa, ou fefacuque, abrasileiramento para os biscoitinhos em formato de estrêla bichinho ou flor, lembrando pão de mel (de mel ou melado são feitos),



enfeitados de caprichosos desenhos de açúcar colorido, que outrora em alemão se chamavam pfefferkuchen. Trarei — prometo — arroz do Maranhão para comer com eisbein (pé de porco cozido com salsa e cebolinha) em vez de chucrute; e fundiremos duas tradições, com permissão das nossas

Fraus. E daremos um viva ao Brasil e outro — por que não? — à Alemanha, à grande Alemanha, terra da poesia e da música, do sonho e da ação, onde primeiro o mais poderoso dos imperadores — e chamava-se Napoleão Bonaparte — topou raiva de homens livres.

## BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

CXXVI

“O LEITOR”

A Biblioteca Pública Municipal “Dr. Fritz Müller” de Blumenau no propósito de divulgar entre os seus frequentadores e o público em geral, as suas atividades, os dados estatísticos de frequência, doações e compra de novas obras, resolveu publicar a partir de junho de 1969 um pequeno Boletim com o título acima.

Estaremos, diz, em certa altura, o artigo de apresentação, «neste boletim mensal, fazendo um levantamento completo de tôdas as aquisições, bem como das doações de livros, por parte do público. A Estatística Mensal de frequência e de empréstimos, mostrará ao público e ao governo blumenauense os frutos do nosso trabalho, todo êle voltado para o engrandecimento cultural de nossa Comunidade».

Foram impressos, com regularidade, quatro números: Foi, após, suspensa a publicação por alguns meses, reaparecendo recentemente, o nº 5. Com êste esperam os seus organizadores reiniciar uma série com vida bem longa. O jornalzinho, que tem comumente 4 páginas, no formato de 17 x 24cm. é distribuído, gratuitamente, na Portaria da Biblioteca e, também, enviado às bibliotecas, dêste e dos demais Estados aos principais órgãos de Imprensa e às pessoas e entidades interessadas.

CXXVII

“A URTIGA”

Entre os universitários blumenauenses tem circulado, com êsse título, uma fôlha mimeografada. O primeiro número é datado de 28 de agosto de 1970. Apesar da anotação de que seria, êsse o primeiro e único, surgiu outro, no mês seguinte, desta vez mimeografado e como «edição extra, fora de série. Jornalêco de circulação interna. Editado sob a responsabilidade de Aldo, II Curso de Direito da Fundação universi-

dade Regional». Enquanto o primeiro número limitou-se a dirigir piadas e brincadeiras aos colegas do Direito Acadêmico, o nº 2, além de algumas notas de humor, trás noticiário variado das atividades sociais e de outros interesses dos universitários.

### CXXVIII

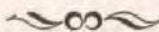
#### “BOLETIM UNIVERSITÁRIO”

A Fundação Universidade Regional de Blumenau publicou, em outubro de 1969, o primeiro número de seu «Boletim Universitário». Com 8 páginas (19 x 28cm.). Essa edição é exclusivamente dedicada aos exames universitários vestibulares, publicando a Resolução Conjunta das quatro Faculdades integrantes da Universidade, a êsse respeito, e os programas dos referidos exames. Sairá esporadicamente.

### CXXIX

#### “O PSILITO”

Tomando o seu título dos «psilitos», integrantes das falanges gregas, e que constituíam a infantaria levemente armada iniciou sua publicação a 1º de outubro de 1970, um mensário criado pelos integrantes do 1º Batalhão do 23º R.I. sediado em Blumenau, no bairro «Garcia». Propunha-se, conforme adiante no artigo de apresentação, «mostrar não somente ao militar, mas e também ao civil, o soldado dos nossos dias, os soldados do Sentinela do Vale». Formato 28,5 x 38cm, geralmente com 8 páginas. Aparece sob a supervisão geral do Capitão Antônio Carlos de Oliveira Schein, direção do redator responsável, soldado Oscar Jenichen secundado pelos seguintes praças: Jorge Barouki, diretor financeiro; Ademir Gessner, Relações públicas; Fernando F. Lima, diretor técnico e artístico; Paulo Müller, diretor social; Dimas M. Cesário, repórter esportivo; Marcos Wehmuth, diretor cultural; Luiz Krobek, representante na 1ª Companhia; Odair Mantau, na segunda; Edson Pozes, na terceira; Charles José X. Nagel, representante na C.P.P. Tiragem de 1.500 exemplares de distribuição gratuita, impressos nas oficinas do «Lume». Farto noticiário das atividades no Quartel do «Garcia»; em todos os seus mais variados setores. Um jornalzinho bem redigido, de leitura agradável e instrutiva, mesmo para os paisanos. «Psilito» continua a ser publicado prometendo tornar-se, muito em breve, uma revista ilustrada.



**A** 19 de setembro de 1711, o Marquês de Cascais, herdeiro de Pedro Lopes, o primeiro donatário do território que, hoje, constitui parte do Estado de Santa Catarina, vendeu à Coroa Portuguesa os terrenos da Capitania de Santo Amaro



# EFEMÉRIDES BRUSQUENSES

Ayres Gevaerd

(Continuação do n.º 1 - Tomo XIII - Página 20)

— 1864 —

- 12 de Maio - Pelo documento dessa data assinado pelo diretor Schnée-  
burg, é estabelecido o preço de 2 (dois) reais a braça  
quadrada de terras, na futura freguezia e cidade ou seja,  
na sede da colônia.
- 13 de Julho - Pelas 10 horas da noite até ao amanhecer, foi avistado  
nos céus da colônia, um cometa com longa e larga cau-  
da. Sua presença, que durou algumas semanas, causou  
apreensão aos colonos que acreditavam ser prenúncio de  
desgraça próxima. Efetivamente, durante todo tempo de  
sua permanência, caíram chuvas abundantes, culminando  
com a segunda grande enchente do ano.
- 15 de Outubro - Solicita o diretor ao presidente da Província autorização  
para pagar a Pedro José Werner, 70\$000 custo de um  
boi cuja carne foi distribuída entre os colonos por falta  
de carne seca.  
do Relatório: População - 1.121 pessoas  
Exportação: 480 arrobas de folhas de taba-  
co; 135.000 charutos e 800 dú-  
zias de taboado.  
15.7 Nomeado Henrique Sandreszky primei-  
ro Pastor da Igreja Evangélica de Brusque,  
com residência fixa.  
Com a criação da primeira escola do sexo  
masculino é nomeado seu professor Maxi-  
miliano von Borrowsky com ordenado men-  
sal de 50\$000. Padre Alberto Gattone, o  
colono viuvo Klein e a família João Kor-  
mann fundam a primeira capela em Guabi-  
ruba devotada e MARIA HILF, Nossa Se-  
nhora Auxiliadora, Benta em 15.8.1866.
- 2 de dezembro - 182 colonos firmam um requerimento dirigido ao Impe-  
rador Dom Pedro II, solicitando a construção da estrada  
da colônia à vila de Itajahy. A construção seria feita pe-  
los próprios signatários que viam nessa realização pro-  
gresso para a colônia, permitindo, por outro lado, bons  
negócios entre colonos e negociantes da vila, sem inter-  
mediários. O documento seguiu com um ofício do diretor,

justificando o pedido; infelizmente, veio de volta com a simples anotação do presidente da Província: «Falta selo».

— 1865 —

- 22 de Agosto - É indicado para condutor de malas do correio entre a vila e a colônia, João Nagel, 4 vezes por mês com o ordenado mensal de 25\$000.
- 15 de Outubro - Acompanhados do diretor Schnéeburg, partem da colônia até a vila de Itajahy, em uma lancha e duas canôas, 25 «Voluntários da Pátria», (Guerra do Paraguai) depois de demorada campanha, para esclarecer o sentido do movimento, as garantias, gratificações, amparo aos familiares, etc. Da vila, os Voluntários embarcaram em navio com destino a Destêrro. Mais tarde Eugênio Rieger conseguiu reunir mais oito, que seguiram no dia 8 de fevereiro do ano seguinte.
- 7 de Dezembro - No distrito Pomerânia, os bugres assaltaram vários colonos, ferindo gravemente Guilherme Seefeld e João Brehm. Seefeld, 24 horas depois, apesar de socorrido, veio a falecer.  
Do Relatório anual: Habitantes: 1121 (619 do sexo masculino e 502 femenino)

— 1866 —

- 18 de Fevereiro - Schnéeburg confia a direção da Colônia ao pastor Henrique Sandreczky durante os dias de sua permanência em Destêrro.
- 29 de Maio - Schnéeburg remete ao presidente extenso memorial contendo 16 folhas de papel almaço, dispondo sôbre a abertura da estrada ligando a colônia à vila de Itajahy. Em documento de 24 de Novembro seguinte o engenheiro Frederico Hecren orça a mencionada estrada em 49:005\$515: serviço de aterros, pequenas pontes, boeiros e a ponte grande sôbre o rio Itajai mirim.
- Junho - O diretor remete objetos e produtos coloniais para serem expostos na «Exposição Provincial de Destêrro».
- 18 de Junho - É realizada a primeira Missa cantada na Colônia por ocasião da inauguração e bênção da pequena Igreja na sede, construída por iniciativa dos colonos Pedro J. Werner e Pedro J. Heil. A Missa foi celebrada pelo Padre Gattone, «estando presentes para cima de 300 pessoas além das que ficaram do lado de fora».
- 14 de Julho - Carl Marchner, Germano A. Thieme, Ferdinando Joenck,

— 26 —



Heinrich Betermann, Frederico Schwarten, Teodoro Deecke e Wilhem Wandrey, fundam o «Schuetzen Verein Brusque» (Sociedade de Atiradores de Brusque).

— 1867 —

- 26 de Janeiro - O Govêrno Imperial, de acôrdo com a lei publicada no Diário oficial, confere o título de Cavaleiro da Ordem Da Rosa, ao Barão Maximiliano de Schnéeburg.
- 24 de Fevereiro - Registra o diretor violento confiito entre colonos irlandeses da colônia Príncipe Dom Pedro e alemães e brasileiros da colônia Brusque, na sede desta.
- 4 de Março - Ainda com relação à colônia Príncipe Dom Pedro, criada no ano passado, o diretor comunica ao presidente a péssima conduta dos seus colonos.
- 12 de Abril - Toma posse, em caráter interino, da direção da colônia, Dr. Barzillai Cottle, diretor da colônia Príncipe Dom Pedro. Declara não falar alemão e pede para ser nomeado seu intérprete, Maximiliano Borrowsky, seu secretário.
- 21 de Abril - Schnéeburg, da vila de Itajahy, dirige carta ao presidente da Província, informando seu propósito de «tratar-me a respeito da visita». Concedido licença de 3 meses, o diretor aguardou naquela vila embarcação que o levou ao Rio de Janeiro.
- 22 de Abril - Assina o Barão Maximiliano de Schnéeburg, licenciado do cargo de diretor, para tratamento de saúde, seu último documento.

Schnéeburg saiu da Colônia quase cego, conduzido de canôa até a vila de Itajahy, pelo colono João Kormann, onde aguardou embarque até o Rio de Janeiro. Depois de algum tempo, sem encontrar os recursos médicos para alívio de sua doença, voltou para sua pátria de origem, a Austria. Falecendo a 16 de setembro, foi sepultado no dia 18 seguinte no cemitério de Franzenbad, tendo celebrado a cerimônia fúnebre o Padre St. Johan Wenig.

Brusque, ao completar 100 anos, deu seu nome à principal praça da cidade.



**F**oi em 1737 que foi criada a primeira guarnição militar de Santa Catarina, com soldados enviados pelo governador da Praça de Santos.



# Blumenau e Seu Dinheiro

Werner Reimer

Como poucas pessoas, principalmente blumenauenses, sabem que Blumenau já emitiu o seu próprio dinheiro achei interessante abordar êste assunto nesta revista. Numismata há anos, hobby que aprendi a apreciar com o meu pai,

que é colecionador há mais de 40 anos, especializei-me em colecionar e estudar o papel moeda brasileiro e Alemão.

Por intermédio de um Clube Numismático, ou melhor, por um



Reprodução de uma cédula de 100 réis, que circulava oficialmente no Município de Blumenau e emitida em razão do empréstimo levantado por Otto Stutzer, em 1895.

dos seus associados, residente na Alemanha, fiquei sabendo que minha cidade natal tinha emitido papel moeda. Para mim foi uma grande surpresa meu colega indagar-me se eu as possuía em duplicata e informando-me que existia uma cédula de Blumenau num Museu em Viena.

Colhendo dados na Biblioteca

Municipal e recebendo informações interessantes do Sr. José Ferreira da Silva pude reunir os seguintes informes:

Em 1895, por ocasião da gestão do Prefeito Otto Stutzer, a Prefeitura Municipal, pela Resolução nº 5 de 7.5.1895, ficou autorizada a emitir dinheiro - em forma de bonus - e que foi um



«Empréstimo Municipal» no valor de Rs. 10:000\$000 (Dez Contos de Réis) resgatados a razão de Rs. 2:000\$000 anualmente a partir de 1.1.1897. Como até 1.1.1901 a Prefeitura efetuou o resgate, as notas-bonus perderam o seu valor fácil a partir daquela data. O empréstimo foi realizado para a construção do cais do pôrto de Blumenau e para a cobertura de zinco das pontes Ilza, Encano e Itoupava II.

Foram emitidas notas nos seguintes valôres: 100, 200 e 500 Réis, impressas pela Tipografia B. Scheidemantel, que estava estabelecida onde hoje está a Imprensa Paranaense S.A. (Filial Blumenau). A ilustração do clichê mostra uma cédula de Rs.0\$100 no seu tamanho original, obtida

em Itajaí e que está em minha coleção.

Além desta emissão, considerada a única oficialmente feita em Blumenau, foram feitas emissões em menores escalas e de caráter particular. Entre elas a que mais se distinguiu foi a emissão de moedas pelo Sr. Heinrich Grevs-mühl, por volta de 1875 - 1880, cunhadas em latão e nos valôres de 100, 200 e 320 Réis e que eram muito apreciadas na época por todos.

Blumenau ainda se distingue na numismática, embora não sendo dinheiro circulando, pela emissão das medalhas comemorativas do Centenário de sua Fundação, em 1950, as únicas de porcelanas feitas nas Américas.



**A** chamada «Estrada das Tropas», que partia do lugar Conventos, no rio Araranguá, passando por Laguna, ultrapassava a Serra e seguia, rumo norte, pelo interior, até Sorocaba, em São Paulo, foi mandada abrir em 1729, por iniciativa de Antônio da Silva Caldeira Pimentel, governador de S. Paulo.



## — BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

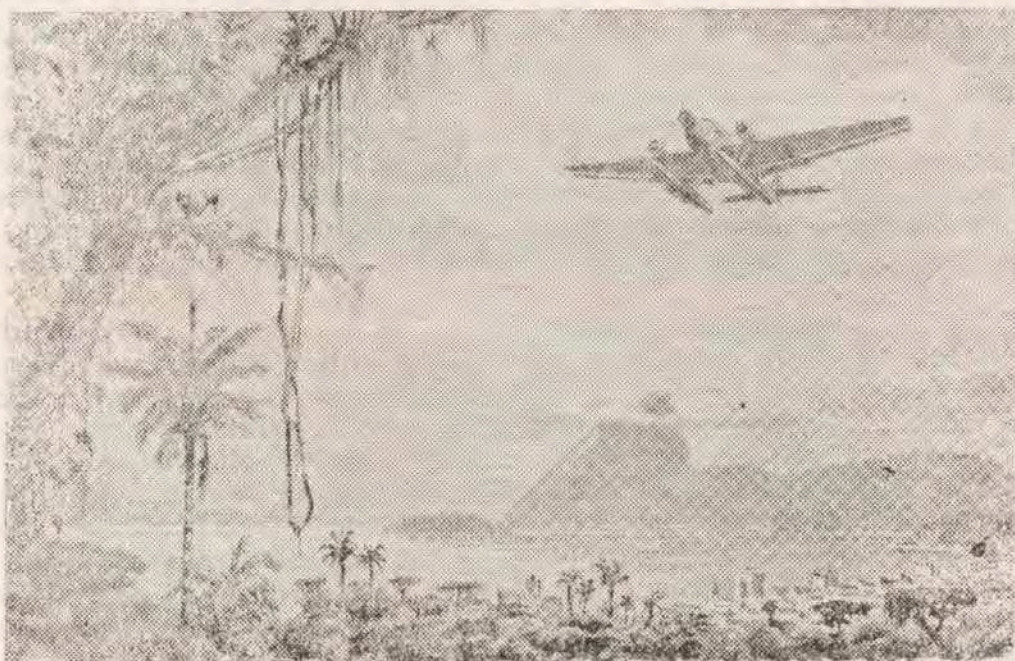






joariam um pouco. O comandante do avião, o mecânico e telegrafista estão bem amarrados nos cintos de segurança, prevenindo d'est'arte qualquer imprevisto.

Fomos alcançando altura e o altímetro indicou 2.100 metros e uma velocidade de vôo de 180/190 quilômetros por hora. O tempo piorava e a chuva açoitada cada vês mais violenta a fuselagem do avião, que ainda continuáva subindo; a 2.300 metros de altura a visibilidade ainda é nula. O aparelho continúa subindo mais ainda e, finalmente, o ceu começou ficando mais claro. No entanto, o perigo continúa aumentando porque penetramos numa tempestade de granizo. A velocidade do avião teve que ser diminuída para evitar que as pedras amassassem o corpo de alumínio do avião. A chuva de granizo pode, eventualmente, oferecer perigo a cobertura de vidro da cabine do piloto que, embora



O avião "Maipu", do Serviço Aéreo Condor, que fazia a viagem entre o Brasil e a Europa em 2 dias, ainda com flutuadores. Mais tarde foi dotado de trem de aterrisagem.

de vidro de segurança, poderia lascarse sob o impacto rijo de uma pedra e por esta razão o comandante tratou de aumentar a margem de segurança, diminuindo mais ainda a velocidade até o aparelho voar a somente 130/140 quilômetros por hora. A Ju-52 se mantém firme pois não é o primeiro vôo sob circunstâncias tão adversas, tramquilizando, assim, todos os que já voaram sob identicas condições. Apesar de tudo o medo predomina e por esta razão estou na cabine num continuo vai e vem, pois há muito que fazer para atender a todos aqueles que pedirem assistência. Naturalmente, nas circunstâncias anteriormente descritas, a gente mais flutúa do que caminha quando se dirige para qualquer chamado e,



assim, sempre procurando que uma das mãos se segura em qualquer saliência para não ser jogado entre as duas citadas extrimidades o que pode acontecer com tamanha rapidez que qualquer tentativa posterior de se conseguir agarrar constituiria méra coincidência.

O comandante procurou ganhar uma região mais calma subindo até 2.900 metros de altura sem que a situação se modificasse muito. O granizo parou mas a chuva continúa castigando o avião que, apesar deste contra começa voando agora com maior estabilidade o que fez os passageiros ficarem mais animados. Telegrafista, mecanico e eu cumprimentamos o comandante pela segurança com que conduziu até agora o avião sob condições climáticas tão desfavoráveis. Todavia, parece que o destino nos reservou mais uma surpresa. Neste meio tempo tinhamos adentrado até a altura da Ilha Grande, segundo tempo de vôo. A velocidade do avião tende a aumentar novamente porque a nossa valorosa «Maipú» inclinou um pouco o nariz. Aqui e acolá podia ver se através das nuvens o mar arrebatando em borrifos brancos, vento em direção sudoeste com chuva miúda e neblina. Felizmente todos os nossos aviões estão dotados com aparelhos para vôo cego. Cada comandante, mecanico de bordo e telegrafista possui um adequado treinamento e muita experiência em vôos desta natureza que, afinal de contas, não são tão raros. Na rota Rio de Janeiro a Pôrto Alegre, por exemplo, devido más condições climáticas, muitas decolagens e aterrisagens são em Vôo cego de formas que esta modalidade de vôo para nós não apresenta novidade.

Considerando-se que nós já nos encontravamos aproximadamente oito dias fora de casa, é mais do que natural que queríamos aterrisar o quanto antes possível no aeroporto Santos Dumont. Assim também pensou o comandante do avião. Voavamos a esta hora numa altura de mais ou menos 1.200 metros quando o aparelho virou para direita porque a nossa frente se delineavam as encostas da Restinga da Marambaia; voamos assim sempre ao longo do litoral com neblina a uns 500 metros a nossa frente que, além, se tornou mais densa. Baixamos até a altura de 400 metros; o mar bramia e as ondas arrebatavam em nuvens brancas. Um forte vento soprava em direção sul, a neblina engrossando mais ainda com visibilidade diminuindo bastante. Por um instante se podia ver algumas casas na praia do Leme logo desaparecendo novamente na espessura da neblina. Os passageiros e o pessoal de bordo já tinham colocado os cintos de segurança. Um de nossos passageiros teve um acesso de crise, desatou o cinto e se jogou no chão rolando entre corredor e poltrona. Um súbito mal estar fisico e medo tinham-no assaltado. Recambiei-o à sua poltrona e, á título de segurança, amarrei-o fortemente com o cinto porque o nosso avião jogava como um brigue em mar grosso. Para muitos as sacudidelas do aparelho produziam uma forte sensação de enjôo o que também, as vezes, acontecia com um ou outro do pessoal de bordo sentindo ancias de vômito, quando num vôo sob condições tão más.

Buscando uma garrafa de água mineral, vou para frente onde, perto da cabine do piloto, há uma pequena geladeira para guardar bebi-



das. Olhando por uma das janelas laterais vi que neste instante sobrevoavamos o Forte Copacabana a uma altura de não mais de 100 metros. Antes que a neblina nos envolvesse novamente em seus braços leitosos pude ver ainda uma sentinela olhando em nossa direção, certamente um tanto pasmo que uma base militar fosse sobrevoada o que, por motivos de segurança nacional, era rigorosamente proibido e, ainda, em condições climáticas tão mas. Vi, ainda, entre a mescla de neblina e chuvisco deslizarem, quais fantasmas, alguns edifícios do Bairro Copacabana. Volto para trás, para junto do meu cantinho para verificar e pôr em ordem conhecimentos e papeis pertinentes ao vôo, quando um dos passageiros me chama. Imediatamente deixo o meu lugar para atende-lo o que pertence as minhas atribuições. O mesmo não se sentia muito bem, pedindo um pouco de água mineral para beber. Vou novamente para frente para buscar na geladeirinha a bebida e já com a garrafa na mão lanço um olhar pela janela lateral vi apavorado surgir a nossa frente, entre a mescla de neblina e chuvisco, uma escura massa rochosa. Instintivamente procuro acobertar-me no chão enquanto o aparelho já começa a girar sobre a vasa direita em direção ao mar aberto. Abaixo de nós um navio sueco sulcava o mar em direção ao sul; de grande calado, as ondas arrebentavam contra o caso. No convés do navio, marujos olhavam admirados para a manobra que neste momento nosso avião fazia, intimamente convencidos do acerto da mesma ante o imprevisto que não deveria ter acontecido. Para nós, pessoal de bordo, o quase acontecido foi como uma advertência e, simultaneamente, também uma lição pois nos ensinou de novo que com um temporal como êste que estávamos passando, só se devia voar com auxílio dos aparelhos para vôo cego e não querer guiar-se pela visão ou facilitar com a desculpa de já se ter voado tantas e tantas vezes a rota conhecendo-a como a palma da mão não havendo, assim, perigo à vista. Todavia, é preciso não esquecer que na fusão da escuridão e neblina as causas se confundem, mudando de configuração como em nosso caso em que a massa rochosa que vinha ao nosso encontro revelou-se ser o maciço do Pão de Açúcar a apenas 100 metros de distância. So e nosso avião tivesse voado a uma maior velocidade, por certo não podia mais desviar a tempo e o nosso fim teria sido bem outro, isto é fatal.

Após tantos anos que êste acontecimento ocorreu, não deixa de me parecer como se tivesse sido ontem e quando me vem a lembrança sintome como nascido de novo.

Voavamos agora sobre o mar, há muitos quilômetros do litoral, o comandante empinou o aparelho para ganhar altura e o telegrafista de bordo informou a nossa posição. Momentos depois o comandante recebeu ordens da torre de controle de se aproximar do aeroporto numa altura de 2.500 metros mantendo esta altura até segunda ordem porque havia dois outros aviões se preparando para aterrisar. Nosso tão anciadamente acalentado desejo de chegar em casa o quanto antes possível sofreu por esta razão novo atrazo de uns 42 minutos.

O acontecimento aqui narrado foi em meus 1.200.000 quilo-



metros de vôo meu penúltimo susto. O último se deu em circunstâncias trágicas. Quiz a fatalidade que neste vôo desde o comandante com o pessoal de bordo até o último passageiro todos perdessem a vida. Para felicidade minha eu tinha ficado em casa escapando assim do golpe fatal que custou tantas vidas preciosas. Corria o ano de 1958, quando nas proximidades da cidade de Curitiba o avião se chocou contra um obstáculo, espatifando-se em chamas contra o solo. Nessa ocorrência sinistra também morreram o Governador de Santa Catarina Jorge Lacerda e os Deputados Federais Leoberto Leal e Nereu Ramos.

A tragédia que podia ter acontecida no Pão de Açúcar também foi observada por dois de nossos passageiros. Algum tempo mais tarde, num vôo do Rio de Janeiro para Pôrto Alegre, quando com bom tempo passamos ao longo do Pão de Açúcar, um passageiro me perguntou se, ante esta vista, não me recordava do dia 14 de setembro de 1942 o que me proporcionou encetar então palestra com o mesmo até chegarmos em São Paulo quando ele desceu do avião e outros entraram até alçarmos vôo em direção a Pôrto Alegre, onde chegamos são e salvos.

Poucos meses mais tarde resolvi retirar-me espontâneamente do serviço aéreo, pois considerei o acontecimento na área do Pão de Açúcar mais como uma advertência do que um aceno do destino.

Blumenau (SC), 20 de julho de 1971

Woldemar Odebrecht filho



**T**ôda a quadra de terras, onde hoje se encontram os prédios da Casa Kieckbusch, Casa Flamingo, Casa Meyer e «A Capital», foi concedida em 1869, pelo então Presidente da Província Carlos Augusto Ferraz de Abreu, ao sr. Fernando Hackradt (que fôra sócio do Dr. Blumenau, nos inícios da colonização de Blumenau). O título definitivo data de 11 de fevereiro daquele ano. A 3 de junho de 1876, por escritura lavrada em notas do Escrivão de paz Teodoro Kleine, Hackradt vendeu êsse terreno a Guilherme Scheeffler, que nele construiu a sua residência e, nos fundos, uma fábrica de óleos vegetais. A venda foi efetuada por 500\$000 (quinhentos mil réis, equivalentes, hoje, a 50 centavos). O terreno fazia frente para a rua Itajaí (hoje 15 de novembro), norte para a rua do Imperador (hoje alameda Rio Branco), sul para o terreno da Escola pública feminina (hoje de Max Amaral, onde foi o antigo prédio do correio) e oeste para o Ribeirão Bom Retiro (por onde hoje passa a rua Nereu Ramos). Guilherme Scheeffler era casado, em segundas núpcias, com Apolônia von Buettner, a nossa primeira professora da Escola Pública para o sexo feminino.



# VISITA DE UM BURGO-MESTRE

## ALEMÃO

POR GUSTAVO KONDER

Especialmente convidado, pela Associação de Municípios do médio Vale de Itajaí, esteve no mês de setembro p.p., em nosso Estado, o senhor Eberhard Siegle, burgo-mestre de Pleidelsheim no Neckar, da República Federal da Alemanha. A aludida associação, que congrega a união de diversos municípios do Vale de Itajaí, já havia feito ótima experiência de intercâmbio com os políticos municipais alemães, através da Deutsche Stiftung fuer Entwicklungs-laender.

Primeiro o burgo-mestre visitou Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Fóz do Iguaçu e, finalmente Santa Catarina, onde permaneceu quase duas semanas. Quando esteve em Blumenau, aliás algumas vezes, tive a honra de receber a sua visita em minha modesta casa, em companhia da cicerone, Senhora Dolores Simões de Almeida, professôra de idioma alemão na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis. Ao despedir-se, declarou que ficou bastante admirado com a perfeita pronúncia alemã da minha esposa, por pertencer ela a terceira geração de alemães no Brasil. Também maravilhou-se com o «Restaurante Típico Frohsinn» e com a encantadora e romantica vista sôbre a cidade de Blumenau, principalmente a noite.

Depois de algumas semanas, o sr. Eberhard Siegle enviou-me

um jornal de Pleidelsheim, onde publicou a sua interessante entrevista e, como foi traduzida para o nosso vernáculo pela citada professôra, vou transcreve-la, em parte, para levar ao conhecimento dos meus amáveis leitores.

-«De Blumenau subimos o Vale do Itajaí, mais ou menos a uns 140 quilometros, em direção ao interior, passando por Ibirama, a última das cidades maiores desse vale até chegarmos á casa do Sr. Felix, colono de ascendência alemã. A estrada federal é asfaltada até um certo trecho, depois continua mal cuidada e empoeirada. A paisagem é montanhosa e atraente. As localidades com algumas casas de colonos agrupadas, tem nomes bem sugestivos, tais como: Scharlach, Dolmann, etc.

Foi ali que chegaram os imigrantes alemães nos fins do século 19, com o desejo de conquistar terras cobertas de matas virgens, para fins de agricultura e para estabelecer os seus povoados. As povoações são distantes umas das outras e muito solitárias. Assim também a propriedade do sr. Felix, onde nos hospedamos. Na frente da casa, com aparência confortável, estende-se um jardim de muitas flôres coloridas e um gramado bem tratado. A alegria, com a nossa inesperada visita, foi grande e a cordialidade tal, que logo me senti «como em casa».



A dureza da luta pela vida e a vontade de vencer está estampada em suas fisionomias.

A propriedade parece supri-se a si mesma. Quando chegamos a senhora Erika estava prestes a cozinhar no forno de tijolos o tradicional pão de milho. O sr. Felix acabara de abater um carneiro e o seu empregado ainda estava esfolando o couro do animal. Possuem 7 vacas, 3 cavalos, (não há máquinas), carneiros, porcos, marrécós, galinhas, perús, tudo junto ao pomar de laranjeiras. Carne, leite, manteiga, queijo, ovos, frutas e pão de milho são produtos próprios. Não se vive mal.

Depois de tomarmos um farto lanche, o sr. Felix me avisa que estava na hora de visitarmos outros colonos. Vendo a minha admiração ele me explica que, seria uma ofensa se não apresentasse o seu hospede da Alemanha aos seus vizinhos. Vamos então ainda mais para o interior com densas matas e menores áreas de cultivo. Dedicar-se á agricultura ali, significa "ganhar o pão com o suor do seu rosto". Acrescem ainda as consequências do clima, doenças, insetos e cobras venenosas. As casas são geralmente de madeira e quem possui uma moradia de alvenaria já é considerado um colono afortunado. Mas, não existem diferenças entre as criaturas. Os colonos vivem em pacífica convivência com os caboclos, mestiços de portugueses com negros e índios. Nessa andança pelas proximidades encontrei em toda parte grande cordialidade e alegria, quando descobrem que venho da Alemanha.

A aguardente de cana de a-

çúcar que me é oferecida, em toda parte, arde e queima na garganta e no estomago. Com muito orgulho se referem aos seus ancestrais alemães e a língua germânica ainda é relativamente bem falada. É preciso considerar que essa gente raramente vê alemães e nunca algum deles visitou a Alemanha. Quem, conhece na Alemanha, a história dos colonos descendentes de alemães no Brasil??? Em compensação essa gente sabe muito sobre a pátria de seus avós e suas fisionomias se iluminam quando se fala dela. Até um jovem colono me falou sobre Willy Brand. Quando a gente se despede, não se aperta apenas a mão, mas se abraça como velhos e queridos amigos. É impressionante para mim, pois essa humilde gente não tem nada para dar, mas o que podem dar, que é a amizade e o calor humano, o fazem em abundância.

Pouco a pouco está escuro e em toda parte ardem lampeões á querosene. Não há energia elétrica ali, e eu me pergunto se isso é uma felicidade ou infelicidade, pois quando a noite chega, também termina o trabalho quotidiano. Apesar do calor durante o dia, á noite refresca bem e até se torna fria. Lá fora, a não ser a orquestra dos bichos da mata brasileira, o silêncio é profundo.

No dia seguinte partimos, com o objetivo de visitar os índios em seu território, concedido pelo govêrno. Os índios que lá vivem pertencem ao grupo dos botocudos. Nosso cicerone conhece o caminho e tudo e todos ao longo da estrada. Sempre um acenar e um gentil bom dia.

A primeira visita foi a casa



do sr. Eduardo de Lima e Silva Hoerhahn, um brasileiro de pai austriaco que, pela primeira vez, apaziguou os índios nessa região. O sr. Eduardo, com 80 anos, está muito doente e internado num hospital de Ibirama. Sua senhora se alegra com a nossa visita. Todos falam de E. Hoerhahn com o máximo respeito, pois que pondo em risco a sua própria vida, foi o primeiro a conseguir uma convivência pacífica dos índios com os colonos de lá.

A viagem continua através de morros e em estrada precária de pó avermelhado. Meu companheiro já nos mostra as rústicas choupanas de índios (ocas), escondidas na mata, pois em toda parte a vegetação é densa, podendo apenas divisar-se as bananeiras e árvores frutíferas. Os índios se alimentam principalmente de frutas e palmitos. Não conhecem a pecuária. Ainda pescam e caçam, o que é proibido aos outros moradores. Chegamos a uma pobre choupana, onde vive uma família de índios composta de 8 a 9 membros. Uma pobreza comvente. As crianças parecem doentes, falta tudo. Compro um arco e uma flecha fabricados pelo velho índio. O sr. Felix diz que os índios não sabem dar valor ao dinheiro. Tinha razão, pois na volta encontramos o velho índio a caminho do botéquim.

Mais adiante, chegamos a uma casa de madeira que é a sede da Igreja de uma seita, das quais existem muitas por lá. Estava na hora do culto, o pastor um branco. Ao nos ver, entrega a sua bíblia a um índio, vem ao nosso encontro e nos convida a entrar. A igreja está quase lotada e vê-

se que os índios se «arrumaram» para o domingo. Creio que da pregação entenderam tanto quanto eu de português, mas na hora de cantar, todos o fizeram muito bem. Um índio toca violão e todos cantam em duas vozes, alta e demoradamente.

Continuamos ainda mais para o interior. Numa das últimas choupanas falamos quase só com índias, pois os homens não estavam. Fico admirado, quando o sr. Felix me traduz que, fotografia só pagando!!! Pergunto a uma índia por sua idade: 21 anos e pasmo que ainda é solteira, pois uma empregada de sr. Felix com 15 anos já tem um filho. O sr. Felix, fazendo «blague», diz que eu poderia casar com ela, mas eu teria de entrar com dinheiro. Rimos a valer!. A índia desconfiada, como todos os índios, crê que estamos rindo dela. Somente após longas explicações é que aceita a desculpa, pois eu não sei o português.

Se em minha entrevista, relatei a visita aos índios, foi exclusivamente para poder dizer alguma coisa a seu respeito, longe de querer julgar esse problema complexo e diversificado. Existem ainda por lá algumas centenas de silvículas á espera de solução para as suas doenças e subnutrições. Não basta, para eles, que lhes seja garantida uma área de terra, para deixa-los entregues a sua sorte. Mas, também vi e escutei que os índios de Santa Catarina vivem em paz com os seus vizinhos -os colonos. O Brasil tem á solucionar grandes problemas sociais e que existem vultuosas somas em dinheiro.







ses que iriam estabelecer-se em Pilarzinho, no Paraná, em 1871.

### XXX

Em agosto de 1869, quatro meses antes da anexação do território da Colônia Príncipe Dom Pedro (I) a Itajahy — Brusque, chegaram e foram instalados em uma Linha Colonial os primeiros colonos de origem polonesa em número de 94 (2) e em Setembro seguinte mais 22. A extensão dessa Linha, quase toda demarcada pela administração compreendia Lajeado, Pôrto Franco e Ribeirão do Ouro com séde em Pôrto Franco, em grande parte ocupada por italianos originários do Norte da Itália.

A leva de poloneses instalou-se no lugar «16», situado no ribeirão do Pôrto Franco, margem direita do rio Itajaí Mirim. Região montanhosa como é toda a Linha colonial citada, com poucas áreas realmente boas para lavoura, era, ao tempo, rica em madeiras de lei, canela e peroba, riqueza que lhes iria dar sérios embaraços.

O colono italiano, cuja inclinação para o amanho da terra não era o seu forte, tratou de aproveitar a mata, instalando engenhos, cujo número se multiplicava rapidamente. A quantidade dos engenhos era facilitado pelos muitos cursos de água, comuns em terras montanhosas como é a região do médio e alto vale do Itajaí Mirim. Não satisfeitos com a mata existente em seus próprios lotes, a maioria dos donos de engenhos de serra invadia a do visinho mais próximo.

Em face do que ocorria, os poloneses, mais inclinados ao aproveitamento do solo, reclamaram à administração colonial, que advertia severamente os infratores. Os diretores João Detzi e Luiz Betin Paes Leme lamentavam as irregularidades em simples, officios e nos relatórios anuais e até especiais.

As melhores terras foram tomadas, lógicamente, pelos colonizadores germânicos, os primeiros a chegar à Colônia Brusque. Na príncipe Dom Pedro, boas terras existiam no vale do Cedro e mais longe no vale Tijucas. A área maior, como já citei, era acidentada, montanhosa, de difícil aproveitamento para uma lavoura que permitisse a subsistência e o comércio com o produto excedente. A mata foi, assim, o recurso extremo de muitos colonizadores. Mas o aproveitamento foi desordenado, sem planejamento, impossível, é verdade, em região primitiva como era então, ser cuidada pelos administradores.

Os poloneses, objeto de nossa crônica histórica, além das pressões que sofriam com as frequentes incursões de seus visinhos, dotados, provávelmente, de melhores recursos técnicos, reclamavam do diretor o mesmo tratamento dispensado a outros emigrantes, italianos, irlandeses e franceses, estes dois últimos instalados nas proximidades da Colônia Brusque, Águas Claras. Em suma, queriam Capela e Escola.

Desgraçadamente, a Colônia Príncipe Dom Pedro, desde seus



primeiros dias, não foi feliz. Seus primeiros povoadores, ingleses e irlandeses, não possuíam condições mínimas para colonização, apesar do auxílio que lhes dispensava o Governo: dinheiro, alimentação, material agrícola, além de assistência religiosa e médica. Não procediam diretamente de suas Terras; não obedeciam a um sistema colonizador organizado e consciente. Foram, quase todos, recolhidos nos E.U.A., em Nova York, e, segundo documentos mais precisos vivendo, ociosamente.

O comportamento dêles na nova Colônia era a continuação de seu «modo de viver» nos Estados Unidos. Como se isto tudo não bastasse, outro grupo, menor contribuia para o agravamento dos males da Colônia, o francês, instalado em Tomás Coelho e Cedro Alto. Em virtude da ociosidade quase total dêesses colonos, os atritos eram frequentes, deixando as administrações em constante sobressalto. Em menos de 3 anos, por exemplo, 5 diretores se sucederam, levando o Governo Provincial, depois de gastar somas enormes, a anexar a Colônia à administração da Colônia Brusque.

A situação era, pois, insegura, para todos os colonos, exclusive para determinado número de italianos, que garantiam seus dias com o aproveitamento da madeira e mais tarde com o calcáreo.

Posição insustentável para os nossos poloneses, vivendo dias cada vez mais atribulados: pressão dos donos de engenhos de serra; a vizinhança incomoda de «Rodges Road»; a falta de escola e de uma Capela; a frequente presença de bugres, tormento também de outros colonos.

Certo dia, chegaram a «16 lotes» notícias da Província do Paraná: interêsse do Governo Provincial em abrir novos rumos colonizadores, em terras cujas condições eram conhecidas como excelentes. Emisários foram enviados, sabe Deus com quantos sacrifícios, pois não tinham meios de locomoção, seria a pé! Em Curitiba, com credenciais necessárias, cuidaram da transferência de todos os colonos de «16 lotes», ansiosos por trabalho que lhes garantisse o porvir, sem encargos pesados e sobressaltos.

Sebastião Edmundo Saporski (3) seria o intermediário de seus patrícios. Reunia condições especiais que o caracterizavam como um guia seguro e dícido. Saporski solidarizou-se com a sorte de seus compatriotas.

A crônica histórica não registra, diretamente, a presença do Guia na Colônia Príncipe Dom Pedro. Mas, para um trabalho de tal envergadura e responsabilidade, Saporski deve ter cuidado pessoalmente da transferência e dos primeiros serviços em Pilarzinho.

O processo do transporte é ignorado. Creio, como o mais lógico, a saída de todo o grupo de uma só vez, em canôas, até o Itajaí, e, dêesse pôrto em navio até Antonina. Do pôrto até Pilarzinho, em Curitiba, em carroças.

(Continua no próximo número)



Indústria Têxtil  
**Companhia Hering**

**BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil**

Rua Hermann Hering, 1790 — Caixa Postal Nº. 2  
Telegr.: «TRICOT»

**HERING**

Fábrica de:  
**ARTEFATOS DE MALHA**

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a  
Grandeza do Brasil  
em seu Comércio  
e Indústria





CELESC

# Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A.

SETOR BLUMENAU - C. Postal, 27 - Al. Duque de Caxas, 63 - Teleg.: SETORCELESC  
SANTA CATARINA